

Resoluções de problemas de linguística: uma análise do princípio da autossuficiência

Ana Carolina da Silva Lopes*

Resumo: A Olimpíada Brasileira de Linguística promove problemas sobre a linguagem, envolvendo idiomas pouco ou nada conhecidos para estudantes que não têm experiência no assunto e não conhecem teorias linguísticas. Considerando que os problemas linguísticos ajudam a desenvolver habilidades e competências investigativas, devido à autossuficiência, esta pesquisa, de perspectiva qualitativa (descritiva e interpretativa), objetiva analisar o funcionamento do princípio da autossuficiência, bem como estabelecer se existem diferenças entre alunos de escolas públicas e privadas de Manaus quanto aos resultados obtidos nos problemas linguísticos propostos. Nesta investigação, revisamos trabalhos publicados sobre esse tema, depois tecemos comentários a respeito de como adequar, guardadas as ressalvas contextuais, os pressupostos de autossuficiência de problemas à realidade dos estudantes de escolas públicas de Manaus. Nesta pesquisa, utilizamos como referências os estudos de Martins (2022), Derzhanski e Payne (2010), Pierre Bourdieu, sobre a teoria do Capital Cultural (1979) e Jean Claude Forquin (1993). Resultados parciais foram obtidos neste estudo porque limitamos essa análise a uma edição específica da competição linguística, que evidenciou múltiplos fatores tangenciados ou omitidos no conceito da autossuficiência que são fundamentais para a resolução dos desafios intelectuais.

Palavras-chave: Princípio de autossuficiência; Problemas linguísticos; Capital Cultural.

Abstract: The Linguistics Brazilian Olympiad promotes linguistic problems involving poorly known or unknown languages for students who have no experience in the subject and do not know linguistic theories. Considering that linguistic problems help to develop investigative skills and competencies due to self-sufficiency, this research, with a qualitative (descriptive and interpretative) perspective, aims to analyze the functioning of the principle of self-sufficiency, as well as establish whether there are differences between students in public and private schools in Manaus regarding the results obtained in proposed linguistic problems. In this investigation, we reviewed published works on this topic, then made comments on how to adapt, taking into account contextual reservations, the assumptions of self-sufficiency of problems to the reality of students in public schools in Manaus. In this research, we used as references the studies by Martins (2022); Derzhanski and Payne (2010); Pierre Bourdieu (1979), on the theory of Cultural Capital and Jean Claude Forquin (1993). Partial results were obtained in this study because we limited this analysis to a specific edition of the linguistic competition that highlighted multiple factors touched upon or omitted in the concept of self-sufficiency which are fundamental to resolving intellectual challenges.

Keywords: Principle of Self-Sufficiency; Linguistics Problems; Cultural Capital.

* Graduada em Letras - Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Este trabalho trata-se de um recorte de uma pesquisa orientada pelo Prof. Dr. Eduardo Cardoso Martins durante o programa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq 2022-2023).

1. Introdução

Os problemas autossuficientes de linguística são um tipo particular de gênero que apresenta fatos e fenômenos linguísticos de forma enigmática e lógica (Derzhanski; Payne, 2010). Eles representam um universo de infinitas possibilidades para um primeiro contato com línguas e culturas desconhecidas de grande parcela da sociedade, composta por acadêmicos do ensino básico, estudantes universitários, pais, profissionais de diversas áreas, ou por quaisquer pessoas interessadas na decodificação e solução de jogos de linguagem.

O termo “autossuficiente” significa que os problemas não exigem pré-requisito ou experiência no assunto de seus solucionadores, nem conhecimento de teorias linguísticas, além do conteúdo escolar, visto que as questões fogem do escopo padrão da grade curricular e, a depender de sua abordagem, tornam-se divertidas e curiosas de se resolver, pois são baseadas fortemente no uso de lógica, o que promove o seu raciocínio e não exige decorar matéria (Antunes Filho, 2012)¹. Assim, não são necessários conhecimentos prévios específicos para resolvê-los ou para se divertir com eles, bastando “responder a um chamado à aventura e a uma real disposição para solucionar enigmas” (L'Astorina, 2018).

Um típico problema de linguística é baseado em informações de uma língua desconhecida e requer que os competidores descubram alguma parte do sistema linguístico com base nos dados. Dessa forma, o desafio autossuficiente consiste em promover a investigação lógico-cognitiva através de duelos linguísticos em línguas incógnitas e remotas, que nos permitem desenvolver intuição, raciocínio lógico e autonomia. Todas as informações para resolver o desafio estão no próprio problema, portanto, os estudantes não precisam buscar conceitos externos à questão para chegar à conclusão do desafio linguístico. Ademais, esses problemas “cultivam em nós um sentimento de detentores do próprio conhecimento” (Buzato; Victor, 2022, p. 11).

Um *problema* na Olimpíada Brasileira de Linguística (doravante OBL), é um termo técnico referente a uma atividade prazerosa, lúdica, educativa e interessante, que promove duas leituras neste trabalho: em primeiro lugar, provoca o triunfo do aluno por meio da aprendizagem e dos conhecimentos adquiridos nessa competição, que direciona os estudantes a espaços de prestígio cultural, simbólico e informativo, construindo saberes oriundos de ambientes diversos. Já, em segundo lugar, contribui para a capacidade em aprender outras línguas, visto que os problemas de linguística são considerados instrumentos pedagógicos de metodologias ativas. Ao resolvermos os problemas

¹ Devido ao limitado material e pesquisas produzidas a respeito dos problemas autossuficientes, as referências utilizadas aqui são flexíveis em dialogar com fontes acadêmicas e outras não acadêmicas.

linguísticos, aprendemos diversas palavras e informações sobre uma língua e uma cultura. Contudo, entende-se que para que o princípio da autossuficiência atraia e fascine os discentes, depende, a princípio, das predisposições individuais ou do convívio familiar, ou seja, requer o envolvimento do estudante em eventos que abrangem abordagens olímpicas e/ou investigativas a partir do incentivo ou da relação com pessoas que são familiarizadas com competições acadêmicas dessa natureza. Assim, esses *locus* sociais propiciam a construção de um nicho hegemônico. Portanto, compreende-se que existem resolvedores específicos que respondem avidamente ao apelo lúdico dos desafios linguísticos; isto é, sentem-se atraídos pelas engrenagens, ora simples, ora complexas, que compõem o sistema da sua língua nativa, como também das línguas desconhecidas e remotas.

A partir disso, se deduz que o perfil dos participantes da Olimpíada de Linguística corresponde a um grupo possivelmente seletivo e de interesses comuns, visto que precisam agenciar todos os recursos científicos à sua disposição para resolver os problemas de linguística. Dentre essas competências prévias, que todo resolvidor deve possuir, destacam-se características específicas como os conhecimentos de mundo, linguísticos, enciclopédicos ou textuais. Essas características são requisitos básicos para a resolução de problemas autossuficientes, como afirmam as páginas e *blogs* da OBL: “você não precisa falar nenhuma língua além do português, nem dominar teorias sofisticadas de gramática ou de linguística. Basta usar seu conhecimento geral de mundo, sua intuição como falante e muito raciocínio e investigação”.

Os problemas autossuficientes de linguística também oportunizam aos estudantes o aprendizado de questões multiculturais, de línguas e códigos pouco conhecidos, favorecendo o desenvolvimento de noções de raciocínio lógico, de testagem de hipóteses, de observação, comparação e investigação que visam envolver e instigar os mais jovens no campo científico da linguagem. Logo, auxiliam no desenvolvimento de habilidades e competências cognitivas e metacognitivas ao abordarem a diversidade de culturas, os falares do mundo e as sistematizações linguísticas. Por outro lado, os problemas autossuficientes de linguística possibilitam aos competidores não apenas a conquista do prestígio social e acadêmico ao vencerem a competição, mas também incentivam os alunos a modificarem seus olhares para o mundo, de modo que estes percebam as culturas, os sentidos, as diversidades, as visões de mundo e as experiências de vida a partir dos inúmeros contextos e estruturas linguísticas. Neste momento, a OBL adquire a missão de conscientizar que, por meio da língua, são construídos contextos sociocognitivos, ideológicos e sistemas de valores, como também as relações entre os indivíduos com o seu meio físico e social, moldando comportamentos e práticas, ou seja, as línguas constroem elos, conexões e laços entre as pessoas por meio do conhecimento compartilhado.

Por sua vez, a OBL trata-se de um evento acadêmico que reúne competidores que desejam triunfar, não em desfavor de seus *adversários*, mas, visando superar suas próprias limitações, em um duelo primeiramente consigo e depois em superação do próprio conhecimento. Conforme o dicionário Houaiss (2015, p. 602), a palavra *duelo* significa “combate em que dois adversários se enfrentam corpo a corpo; conflito, guerra; oposição firme ou violenta de ideias, interesses, doutrina; esforço para vencer obstáculos ou dificuldades”. Nessa perspectiva, os problemas autossuficientes são produtores de elos e duelos de conhecimento que promovem conexões (meta)cognitivas, mas também de duelos entre o conhecimento já adquirido, articulado a um novo aprendizado, pois cada indivíduo demonstra formas diferentes de pensar, categorizar e organizar os sistemas das línguas propostas, além de acumular bagagens culturais distintas. Entende-se, portanto, que a vantagem sobre os demais concorrentes da prova está ancorada nestes dois fatores, que serão detalhados no decorrer deste estudo.

Baseados nisso, esta pesquisa objetiva investigar o princípio da autossuficiência dos problemas da OBL. Não duvidamos da funcionalidade do princípio, mas questionamos sua eficácia nos resultados obtidos por qualquer estudante que participe dessa competição linguística. A partir disso, estaremos evidenciando múltiplos fatores tangenciados ou omitidos no conceito, mas que são fundamentais para a resolução dos desafios intelectuais. Além da meta principal, também visamos consolidar resultados de pesquisas que tratem dos problemas autossuficientes de linguística, rastreando a evolução desse gênero textual².

Tencionando a compreensão do princípio da autossuficiência dos problemas da Olimpíada de Linguística e a confiabilidade da pesquisa qualitativa, buscamos dados de investigações relevantes e consistentes. Para evitar possíveis distorções, dividimos este trabalho em cinco etapas, buscando compreender múltiplas práticas teórico-metodológicas, o que garante rigor e riqueza à pesquisa. Utilizando a perspectiva qualitativa (descritiva e interpretativa) como metodologia de pesquisa para a análise das propostas levantadas nesse estudo dentro do contexto de sua realização (Günther, 2006). Na primeira etapa, descrevemos a concepção desta pesquisa em face do princípio da autossuficiência dos problemas da OBL, além disso, esclarecemos aos leitores a respeito da subárea de atuação em que este estudo está situado. A segunda etapa descreve sobre as olimpíadas de conhecimento, as quais são competições intelectuais que consistem na realização de provas ou trabalhos práticos em determinada área do conhecimento. Também nessa etapa é apresentada a teoria da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), que foi incorporada pela visão educacional de aprendizado proposta pela OBL.

² Por outro lado, devemos lembrar que esta pesquisa traz resultados parciais de investigação, portanto, também temos como perspectivas futuras de trabalho investigar as características centrais e periféricas do princípio da autossuficiência e construir uma escala para mensurar um *continuum* de autossuficiência entre diferentes grupos socioeconômicos.

A terceira etapa descreve sobre o problema linguístico autossuficiente, que se trata de um gênero textual específico que envolve um conjunto de informações sobre um código comunicativo ou alguma língua, remota (ou não), desconhecida (ou não) ao participante. O objetivo das questões é levar o competidor a entender fenômenos linguísticos ou semióticos, a partir da situação motivadora concretizada nos problemas linguísticos, que, por meio de pressupostos teóricos aqui reunidos, serão explorados apenas na primeira fase da competição linguística.

A quarta etapa trata da relação entre o princípio da autossuficiência nos problemas de linguística e o Capital Cultural. Neste segmento, além de registrar o objeto pesquisado, buscamos identificar suas causas interpretando os dados através de métodos qualitativos. Logo, são apresentadas análises e discussões sobre o funcionamento do princípio da autossuficiência, com o intuito de comprovar se há alguma diferença entre alunos de escolas públicas e de escolas privadas no município de Manaus, no que se refere aos resultados obtidos em problemas linguísticos, tendo em vista o conceito de Capital Cultural. No que tange à hipótese da pesquisa em questão, nos amparamos nas contribuições e estudos sociológicos dos franceses Pierre Bourdieu, mais especificamente, sobre a teoria do Capital Cultural (1979), e Jean Claude Forquin, a partir da sua obra *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar* (1993).

Intitulamos a quinta etapa deste trabalho como: “Ferramentas de investigação: as provas, os gabaritos, os assuntos abordados e o perfil dos alunos participantes”. Neste âmbito, nos detemos na análise das provas, assuntos e gabaritos da Olimpíada de Linguística a fim de percebermos as especificidades demandadas para a resolução dos problemas. Além disso, traçamos o perfil dos alunos classificados para a segunda fase da competição, interpretando os dados indutivamente. Dessa forma, tencionamos distinguir se, com base nesse levantamento, o ensino que esses discentes medalhistas recebem é diferenciado, se o perfil da escola (pública ou privada), as referências de mundo e a metacognição influenciam socialmente e culturalmente no pensar e no agir dos competidores, bem como nos resultados da classificação da OBL.

2. A pesquisa

Esta pesquisa está situada na área de Linguística, na temática de olimpíadas científicas e metodologias ativas de ensino de línguas. Em um primeiro momento, adotamos como metodologia de pesquisa a imersão em textos, artigos e materiais disponíveis que tratam sobre a funcionalidade do princípio de autossuficiência nos desafios de linguística, pautados na primeira fase da competição. Trata-se de uma investigação bibliográfica. Também, é importante salientar que as bibliografias pesquisadas encontram-se escritas em Português e também em outros idiomas como o Inglês, o Russo e o Holandês. Acreditamos

que sinalizar sobre a pluralidade linguística das produções, tanto em língua estrangeira, quanto nativa, seja imprescindível para constituírem pressupostos com base fundamentada em vários idiomas, a fim de consolidar resultados de pesquisas que tratem dos problemas autossuficientes de linguística em perspectiva geograficamente ampliada.

Os resultados de cada fase da Olimpíada revelam o nome do(a) premiado(a) por ano de competição, incluindo, muitas vezes, informações como: tipo de prêmio, escola, cidade e estado de origem. Tendo isso em vista, o material de investigação analisado se pauta nas edições *Vina* (2013), *Ñanduti* (2016), *Ye'pâ-masa* (2019), *Kubata* (2020) e *Mascate* (2021) da OBL. Essas informações foram obtidas nos sítios eletrônicos oficiais da Olimpíada de Linguística, que publicam as provas e gabaritos das competições anteriores, além de dados e conhecimentos em outros textos a respeito do princípio da autossuficiência e sobre a composição de problemas. Realizamos esse recorte investigativo ao constatarmos que somente nessas etapas são registradas uma tímida presença e classificação de alunos oriundos da cidade de Manaus e da região Norte, visto que é sobre essa classe de estudantes que os pressupostos da autossuficiência serão analisados. Entretanto, no que se refere ao funcionamento do princípio da autossuficiência a partir dos resultados obtidos em problemas linguísticos propostos, nesta pesquisa, nos debruçamos apenas sobre a edição *Kubata* (2020).

3. A olimpíada de conhecimento e de Linguística

As competições de conhecimento surgiram no final do século XIX, em paralelo às olimpíadas esportivas modernas. Ambas pretendiam-se como uma forma de celebração da excelência e autossuperação humana, ecoando o espírito das demonstrações esportivas e artísticas dos jogos olímpicos gregos, conforme afirmam os organizadores do evento. Logo, as olimpíadas de conhecimento objetivam estimular e envolver os jovens no campo das diversas ciências que os cercam, para que estes sejam agentes na construção da sua própria educação. Dessa forma, a solenidade da proposta de autossuperação contribui para que mudanças internas ocorram nos jovens alunos e, ao mesmo tempo, possibilita que os participantes sejam protagonistas e educadores de si mesmos, por meio do exercício dos conhecimentos que constituem a sua jornada educacional.

Em consequência disso, a partir do século XX, novas perspectivas sobre a educação afloram como uma constelação de abordagens pedagógicas voltadas à autonomia (o método de projeto, os métodos construtivistas etc.). Neste contexto, surge a metodologia da ABP, que paralelamente foi incorporada na visão educacional de diversas olimpíadas de conhecimento em todo o mundo. Segundo Martins (2022, p. 75), “a ideia principal dessa perspectiva é que o ponto de partida do conhecimento não deve ser a instrução inicial, mas

uma situação motivadora, uma dúvida ou um quebra-cabeça, que o aluno deseja desvendar”.

Nessa visão educacional, o aprendizado parte do fascínio e do interesse do próprio estudante que, a partir da proposta do problema, entra em uma jornada de desvendamento ativo e autodirigido, elencando e gerenciando suas próprias habilidades em busca de uma resolução sem recorrer a soluções prontas e fáceis, pois no processo de solucionar o problema, o estudante aprende algo sobre o mundo e sobre si mesmo. Esse procedimento, repetido diversas vezes, tem um potencial transformador para os discentes e para as comunidades escolares, com a formação de culturas olímpicas e com a alavancagem de índices educacionais, como registra o próprio sítio eletrônico oficial da OBL. Portanto, os jogos, as modalidades e a autossuperação fomentam para que as olimpíadas de conhecimento se tornem instrumentos pedagógicos e reflexivos aos estudantes, professores e à sociedade.

A OBL, especificamente, é uma competição em que os alunos aprendem sobre as línguas naturais, envolvendo idiomas desconhecidos (ou não) e que exploram aspectos (in)comuns com a língua nativa do público-alvo, ou seja, o idioma da região onde se realiza o evento intelectual. Por meio dos desafios linguísticos propostos, os estudantes são levados a entrar em contato com diversas línguas, as quais exigem do solucionador a aplicação de um pensamento formal, que evidencia padrões e dados linguísticos, incluindo ortografia, sons, palavras e frases. Logo, as Olimpíadas de Linguística:

Nasceram como irmãs mais novas das olimpíadas de matemática, física, química e astronomia. Foi nos anos 1960, em Moscou, que linguistas como Andrei Zalizniak e Alfred Jurinski começaram a compor problemas para jovens de ensino médio, a partir da premissa de que era possível decifrar padrões de diferentes línguas sem que o resolvidor precisasse conhecer as línguas ou dominar conhecimento técnico da linguística – razão pela qual esses problemas ficaram conhecidos como autossuficientes. O Brasil entrou nesse circuito em 2011, com a primeira edição da OBL (OBL, [s.d.]).

4. O gênero textual problemas autossuficientes na primeira fase da Olimpíada Brasileira de Linguística

Tendo em vista que os problemas linguísticos auxiliam no desenvolvimento de habilidades e competências investigativas por serem autossuficientes, nesta pesquisa, analisamos o problema linguístico como um gênero textual próprio das Olimpíadas de Linguística devido à “noção de gênero ampliar-se para toda produção textual” (Marcuschi, 2011, p. 17, grifo do autor). Considerando a dinamicidade do trabalho com a linguagem, os estudos sobre os gêneros textuais são analisados como elementos literários de categoria

fluida, de perspectiva sociointeracional, que dialogam com universos interdisciplinares da ciência e que contribuem para o funcionamento da língua e também para o desenvolvimento de atividades culturais e sociais. Uma vez que a língua varia, “também os gêneros textuais variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se” (Marcuschi, 2011, p. 19). Deixa-se, portanto, a visão rígida e normativa que regula essas formas literárias no decorrer da história, a fim de alinhar essas categorias textuais aos interativos processos com a linguagem desempenhados pela sociedade de modo dinâmico, interativo, variável e flexível. Entretanto, a flexibilidade de concepção de gênero não pode sobressair-se aos enquadramentos lexicais e identitários das categorias textuais, visto que situações interativas condicionam escolhas de estruturação formal correspondentes aos modelos de comunicação. Dessa forma, os gêneros textuais manifestam-se mediante ao trabalho com a linguagem de modo individual, coletivo, ou “legitimado por alguma instância da atividade humana socialmente organizada” (Marcuschi, 2011, p. 20).

Pensando no conceito de gênero textual como uma forma de interação relativamente estável, dado que apresenta elementos como: temática recorrente, linguagem ou estilo dominante e composição. Os problemas autossuficientes de linguística são analisados nesta pesquisa como um gênero textual próprio da OBL, pois os jogos linguísticos são uma porta para o mundo diverso e heterogêneo do reino da linguagem, visto que enriquecem a visão de mundo dos jovens combatentes, proporcionam a responsabilidade social, levam a conhecer as opressões por meio da linguagem bem como ensinam a preservar o ecossistema linguístico.

De uma forma geral, segundo o diretor da OBL (L'Astorina, 2018), um problema olímpico deve ter três características principais: *fascinante*, pois o problema deve ser interessante por si mesmo; *sem trilhos*, ou seja, a formulação do problema não deve ser guiada por noções teóricas ou por interpretações prévias; e *autossuficiente*, pois o problema deve poder ser resolvido apenas com seu raciocínio, sua intuição e com uma base mais ou menos ampla de conhecimento de mundo. Diante disso, os problemas de linguística obedecem a um princípio amplo, conhecido como *princípio da autossuficiência*: “um problema de linguística não exige qualquer conhecimento específico, além dos dados fornecidos pelo próprio problema, para ser resolvido” (Martins, 2016, p. 1). Entende-se que essa afirmação assegura que os participantes da competição não necessitam de nenhum conhecimento prévio ou do conhecimento de teorias linguísticas, nem do domínio de vários idiomas ou de um currículo de medalhista para responder com êxito às questões propostas. Segundo Derzhanski e Payne (2010, p. 2): “Os solucionadores de problemas mais bem-sucedidos são capazes de usar essa exposição a línguas desconhecidas para descobrir novas formas de pensar e categorizar o universo”.

Como o conteúdo da prova da OBL não faz parte do currículo escolar normal, ao menos do das escolas brasileiras, os próprios competidores mais experientes das edições anteriores da OBL e da Olimpíada de Linguística Internacional (doravante IOL) constituem e disponibilizam manuais que instruem os novos alunos frente aos tipos de problemas autossuficientes que estes poderão encontrar. Como exemplo disso: “Problemas de Tradução; Problemas numéricos; Sistemas de escrita; Sistemas de calendário; Problemas ‘formais’; Problemas fonológicos; Problemas computacionais e outros tipos” (Antunes Filho, 2012, p. 5-6).

Além disso, o item 1.1 do Regulamento da Olimpíada Internacional de Linguística 203 (2019, p. 2) afirma que

os problemas autossuficientes podem estar relacionados a todos os ramos da linguística, incluindo fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, linguística histórica, sociolinguística, linguística computacional, pragmática, métodos formais, linguística de corpus, etc.

Entretanto, é interessante pensarmos que, se a Olimpíada de Linguística é um instrumento educacional muito interessante que tem gerado grandes frutos no Brasil por meio dos problemas autossuficientes, então é provável que esse tipo de atividade atinja todos os níveis de diferentes grupos socioeconômicos e que, de fato, todos tenham a capacidade de trabalhar com o princípio da autossuficiência. Ou seja, pelo fato de que os participantes não dependem de nenhuma experiência educacional prévia e específica e de que resolver problemas da OBL é sobretudo uma questão de “capacidade inata para compreender e analisar um problema, visionar uma estratégia de solução e executar essa estratégia em tempo real, logo, não se espera nenhum conhecimento de linguística ou das línguas representadas nos problemas” (Derzhanski; Payne, 2010, p. 3). Contudo, buscamos analisar, de acordo com os resultados obtidos em problemas linguísticos propostos e pressupostos, de respostas esperadas para a resolução dos desafios intelectuais, se o princípio da autossuficiência é o bastante para resolver os problemas linguísticos.

5. Cultura e escola: o princípio da autossuficiência nos problemas de linguística e o Capital Cultural

A partir da década de 1960, nas ciências sociais francesas, o funcionamento dos sistemas de ensino nas sociedades contemporâneas foi renovado, em conjunto com as relações que mantêm com os diferentes grupos sociais, com a escola e com o saber, sociologicamente, a partir da criação de conceitos e categorias analíticas sobre as condições de produção e de distribuição de bens culturais e simbólicos, entre os quais se incluem os produtos escolares (Bourdieu, 1998). A noção de Capital Cultural surge a partir de uma metáfora criada pelo sociólogo Bourdieu para explicar como a cultura, em uma

sociedade dividida em classes, se transforma numa espécie de moeda de troca que os grupos dominantes utilizam para acentuar as diferenças sociais. Partindo desse pressuposto, esse conceito é posto aqui por meio de uma abordagem teórica com amplo escopo de aplicação constituindo um modelo teórico-metodológico aberto à investigação de diversas práticas na vida social. Portanto, uma pesquisa sobre a OBL naturalmente pretende também uma transformação nas práticas desenvolvidas nesta competição.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu apresentou análises dedicadas à sociologia da educação e da cultura frente à investigação de funções escolares e de reprodução social e cultural. Entre as análises colocadas nesses respectivos campos, o conceito de Capital Cultural é de grande relevância para a pesquisa da corrente educacional em níveis nacionais e internacionais, pois esta concepção sociológica refere-se ao conjunto de recursos, competências e apetências disponíveis em matéria de cultura dominante ou legítima. Em outras palavras, trata-se da

transmissão de um certo *ethos*, de um sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados que contribui para definir a herança cultural em face da instituição escolar, ou seja, trata-se de uma noção que dê conta da desigualdade de desempenho escolar de estudantes provenientes das diferentes classes sociais (Bourdieu, 1992, p. 42).

E, da mesma maneira que qualquer capital, o Capital Cultural confere poderes que propiciam diversas probabilidades de lucro (econômico, cultural, político, social ou simbólico) nos campos e mercados em que é eficiente. Todo o capital, seja qual for a sua espécie, subentende uma relação de dominação, de apropriação ou desapropriação. Logo, trata-se de um mecanismo de acumulação social e cultural e ao mesmo tempo de manutenção de poder eminentemente competitiva que traduz-se em poder e prestígio para quem dele se utiliza, a partir dos conjuntos de recursos potenciais ligados às posses institucionalizadas. Além disso, é válido entendermos que o Capital Cultural pode existir sob três formas, segundo Bourdieu (1979, p. 3):

no *estado incorporado*, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no *estado objetivado*, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc. –; enfim, no *estado institucionalizado*, forma de objetificação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao Capital Cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais.³

³ No original: “Le capital culturel peut exister sous trois formes: à l’état incorpore, c’est-à-dire sous la forme de dispositions durables de l’organisme; à l’état objectivé, sous la forme de biens culturels, tableaux, livres, dictionnaires, instruments, machines, qui sont la trace ou la réalisation de théories ou de critiques de ces théories, de problematiques, etc.; et enfin

O sistema escolar não é um fator de mobilidade social, pois, de acordo com a ideologia da *escola libertadora*, trata-se de um dos fatores mais eficazes de conservação social, fornecendo a aparência de legitimidade às desigualdades sociais sobre os sujeitos pertencentes às diferentes classes sociais (Bourdieu, 1979). Com isso, um pensamento sobre uma espécie de violência simbólica praticada inconscientemente, ou não, pelos mecanismos de eliminação contínua dos alunos menos favorecidos em uma determinada sociedade, passou a ser admitida pelo autor, uma vez que, de acordo com o próprio, a transmissão de conhecimentos não é democrática (Bourdieu, 1979).

Ao nos debruçarmos sobre essas características, exploramos as informações sobre os classificados para a segunda fase da OBL, bem como os medalhistas da competição internacional, disponíveis nos sítios eletrônicos Wikipédia e *blogs*. Classificamos os premiados com o objetivo de identificar a premiação de alunos da região Norte e, por conseguinte, a presença de alunos das escolas públicas de Manaus nas fases mais avançadas da competição acadêmica. Nessa etapa, constatamos que na edição *Vina* (2011), a partir da segunda fase da competição, foram distribuídas 33 medalhas e havia apenas um aluno do estado do Amazonas nesta lista que estuda no CEAV⁴. Posteriormente, na edição *Ñanduti* (2016), o total de medalhistas na segunda fase das OBL foi de 267 premiados e apenas 5 alunos da cidade de Manaus e um aluno de Belém-PA compunham aqueles medalhistas que estudam no IFAM⁵. Na edição *Ye'pâ-masa* (2019), 250 medalhas foram atribuídas a diversos classificados e houve a presença de apenas dois alunos da região Norte, porém de estados diferentes; um do Amazonas e o outro do Tocantins que estudam no CMM⁶ e no IFTO⁷. Na olimpíada subsequente, na edição *Kubata* (2020), apenas 4 alunos aparecem na lista dos classificados para a segunda fase da competição, que teve como número total de 134 participantes premiados das escolas CMM e CC⁸. Por fim, ocorreu a inédita situação na edição *Mascate* (2021) da classificação de alunos da região Norte para a segunda etapa da competição, que premiou 3 alunos das escolas CMM e CC com medalhas. Um deles, inclusive, ganhou uma menção honrosa na IOL.

A partir disso, entende-se que esses dados revelam a pouca presença de alunos de escolas públicas de Manaus classificados para a segunda fase da OBL e, por conseguinte, a presença minoritária em relação à premiação de alunos da região Norte, além da ausência quase total de representantes na etapa internacional – IOL. Ao longo da análise dos

à l'état institutionnalisé, forme d'objectivation qu'il faut mettre à part parce que, comme on le voit avec le titre scolaire, elle confère au capital culturel qu'elle est censée garantir des propriétés tout à fait originales" (Bourdieu, 1979, p. 3).

⁴ Centro Educacional Adalberto Valle.

⁵ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas.

⁶ Colégio Militar de Manaus.

⁷ Instituto Federal de Tocantins.

⁸ Colégio Connexus.

resultados desta investigação, percebemos que, além de oscilar bastante a participação e classificação de estudantes da região Norte na OBL, a minoria que consegue tal feito tem um perfil específico. Os estudantes premiados são oriundos de escolas particulares, militares ou de ensino federal, isto é, pertencem a instituições cujo perfil é distinto da maior parte das escolas públicas periféricas. Ademais, a expressa maioria é estudante do sexo masculino. Mas o que isso quer dizer? Realmente o princípio da autossuficiência não requer mesmo nenhum conhecimento prévio? Se assim fosse, por que apenas estudantes com determinado perfil são bem sucedidos neste tipo de evento? Se, teoricamente, todos estão em igualdade de condições por não saber teorias linguísticas e/ou as línguas analisadas nos problemas, por que apenas um perfil corresponde às demandas educacionais e sociais necessárias para a resolução dos desafios?

Logo, é possível preconizar que o estudante de escola pública, periférica e sem grandes recursos não atende ao perfil que a OBL implicitamente exige, isto é, seria viável refletir que tais alunos têm seu desempenho prejudicado pelas seguintes características: falta de conhecimento de mundo (enciclopédico)? falta de intuição como falante de alguma língua humana? ou falta de raciocínio e investigação para se classificar para as fases posteriores das olimpíadas?

Compreende-se que com base nesse levantamento comparativo, aliado à teoria do Capital Cultural, o ensino e a instrução que esses discentes medalhistas recebem são diferentes em determinados pontos, pois estas instituições disseminam cultura, sobretudo, culturas consideradas majoritariamente dominantes e de grande prestígio na conjuntura social, o que contribui ativamente para o acúmulo de capital cultural dos estudantes. Esta reflexão também é encontrada nas análises do pesquisador Forquin (1993), que afirma em seus estudos que há uma certa especificidade e seletividade da cultura educacional, visto que toda educação do tipo escolar supõe sempre uma seleção no interior da cultura e uma reelaboração dos conteúdos desta destinados a serem transmitidos às novas gerações, logo, "reconheçamos, a escola não ensina senão uma parte extremamente restrita de tudo o que constitui a experiência coletiva, a cultura viva de uma comunidade humana" (Forquin, 1993, p. 15).

Considerando essas contribuições, entende-se que a escola e a cultura, incontestavelmente, possuem uma relação íntima e orgânica, uma vez que a educação, no sentido amplo de sua significação, supõe que toda "a educação é a educação de alguém por alguém, e que abarca a comunicação, a transmissão e a aquisição de alguém em conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de 'conteúdo' da educação" (Forquin, 1993, p. 10). Assim, a organização dos conteúdos e a transmissão de cultura estabelecida previamente para a propagação são planejadas e estruturadas para alcançarem o sucesso escolar. Em outras palavras, o sistema

de ensino é atravessado por interesses, ideologias e condições de produção que impactam no resultado acadêmico do estudante de uma determinada escola, seja este satisfatório ou não; distinguindo, portanto, os métodos de ensino, a distribuição de conhecimento e recursos para as instituições escolares e a qualificação dos professores. Por conseguinte, o agenciamento desses elementos, fomentados por categorias e sistemas abastados da sociedade, provoca o aparecimento e a reprodução de uma cultura dominante a partir da expressão direta de interesses de tal ou qual grupo de pressão significativamente exterior à escola. Diante disso, é possível reconhecer a especificidade que a cultura escolar, isto é, os sistemas de pensamento e os sistemas de ensino, exercem, de maneira complexa, sobre o campo social escolar, refletindo em uma entidade una e indivisa, ou seja, espelhando o reconhecimento de um ecossistema de formação: pessoal, social e cultural.

Sabendo disso, nos deteremos na análise das provas, assuntos e gabaritos da OBL a fim de observar e perceber as especificidades demandadas para a resolução dos problemas que interferem no desempenho desse estudante, tornando-se, portanto, fatores contribuintes para o sucesso neste tipo de competição acadêmica. Tencionamos inferir se tais alunos são favorecidos socioculturalmente. Assim, nesta etapa, buscamos questionar se é possível o estudante de escola pública e de bairro periférico atender ao perfil que a OBL demanda, isto é, de possuir as seguintes características: conhecimento geral de mundo, intuição como falante de alguma língua humana e uma boa dose de raciocínio e investigação para se classificar para as fases posteriores da Olimpíada.

6. Ferramentas de investigação: as provas, os gabaritos, os assuntos abordados e o perfil dos alunos participantes

O participante da competição linguística irá se deparar com alguns dos principais tipos de problemas: problemas de tradução de frases e palavras, problemas de relação, problemas numéricos, entre outros – uma vez que a criatividade do compositor do problema é o limite, mesmo com a aplicação destes formatos consagrados que são bastante utilizados. Os problemas de tradução (frases), conforme o manual da *Olimpíada de Linguística e técnicas de resolução de problemas* (2012)⁹, tencionam descobrir se o tempo verbal muda, se há sujeito e objeto nas frases e de que forma pode ser feita a marcação desse elemento, etc. A nível de ilustração de problemas dessa natureza, vejamos abaixo que certas lacunas desta tabela estão faltando; a tarefa é preenchê-las, a partir da regra que pode ser deduzida das que estão preenchidas. Este problema pede que o participante preencha as lacunas da formação do plural em Catalão:

⁹ Para conhecer na íntegra o manual, acesse: [Olimpiadas de Linguística e técnicas de resolução de problemas \(olimpiadas.cientificas.org\)](http://Olimpiadas.de.Linguistica.e.tecnicas.de.resolucao.de.problemas(olimpiadas.cientificas.org)).

Imagem 1 - Formação do plural em Catalão

Singular	Plural	Tradução
el apèndix	els apèndixs	<i>apêndice</i>
el bastaix		<i>portador</i>
el troleibús		<i>trolleybus</i>
el cactus	els cactus	<i>cacto</i>
la càries	les càries	<i>cáries</i>
	les clos	<i>campo</i>
el contumaç	els contumaços	<i>rebelde</i>
la faç	les façs	<i>face</i>
el flux	els fluxos	<i>fluxo</i>
el gimnàs	els gimnasos	<i>ginásio</i>
la hèlix	les hèlixs	<i>hélice</i>
el índex	els índexs	<i>índice</i>
el iris		<i>arco-íris</i>
el llaç		<i>laço</i>
el ònix		<i>ônix</i>
el pàncrees	els pàncrees	<i>pâncreas</i>
el pedaç	els pedaços	<i>remendo</i>
la pelvis		<i>pélvis</i>
el permís	els permisos	<i>permissão</i>

Fonte: site oficial da IOL (2016).

O problema apresentado acima, de natureza morfossintática, é muito comum nas provas de primeira fase da OBL. Através dele, entendemos como determinada língua conjuga os verbos, flexiona seus substantivos, recebe diversos afixos, organiza sua harmonia vocálica, ordena os elementos em orações, cria mecanismos de foco e tópico – enfim, muitas coisas que quisermos saber sobre esse nível estrutural. Em seguida tem-se os *problemas de transformação*, também chamados de *Linguística Histórica/Tipologia*. As transformações podem ser de uma língua para outra; de um tempo verbal para outro; de um “caso” para outro; e de uma marcação nominal entre outros níveis estruturais. O importante é perceber como ocorre a transformação.

Entendendo essas informações, veremos a quantidade de vezes em que estes assuntos são abordados nas provas, ao mesmo tempo que verificaremos os gabaritos dessas questões, a fim de conhecer as especificidades exigidas para a resolução dos problemas linguísticos das provas. Nesta análise, nos debruçamos em uma questão da edição *Kubata* (2020). Essa etapa faz parte do recorte investigativo apresentado anteriormente nesta pesquisa e, a escolha de analisar apenas uma questão preza pela objetividade da investigação. Assim, essa edição é composta por 12 problemas, no qual 8 são de natureza morfossintática, 2 de sistema de escrita, 1 de Linguística Histórica/Tipologia e 1 de problema numérico. Além disso, foram 5 classificados/medalhistas do Amazonas ou da região Norte. Vejamos a seguir o problema da edição *Kubata*:

Imagem 2 - Problema 10 da prova 1B da OBL

Abaixo, temos algumas palavras em mandarim, coreano e japonês, escritas em transcrições latinas que representam seus sons.

mandarim	coreano	japonês	
nao.po	no.po	nō.ha	<i>onda cerebral</i>
wun.hua	mun.hwa	bun.ka	<i>cultura</i>
wei.xien	ui.hǒm	ki.ken	<i>perigo</i>
nan.xing	nam.sǒng	nan.sē	<i>masculino</i>
pa.nien	pal.nyǒn	hati.nen	<i>oito anos</i>
xien.sheng	sǒn.sǐng	sen.sē	<i>professor, senhor</i>
wu.hao	o.ho	go.gō	<i>quinto</i>
xin.wun	sin.mun	sin.bun	<i>notícia, jornal</i>
fa.ming	pal.myǒng	hatsu.mē	<i>invenção</i>

A partir dessa tabela, podemos formular as seguintes hipóteses:

1. O alongamento das vogais no japonês é resultado de apenas um tipo de terminação de sílaba do CM.
2. O **x** do mandarim tem pelo menos duas origens distintas no CM.
3. O **w** do mandarim tem apenas uma origem no CM.
4. O **h** do japonês é uma modificação de apenas um som do CM.

Fonte: site oficial da OBL (2020).

A partir da observação dos dados, é possível formular algumas hipóteses. Este problema, de natureza histórica, pede que o participante note as transformações regulares e também avalie o que é razoável de se deduzir dos dados, em termos de línguas que não existem mais. Abaixo, no gabarito da prova, está o registro dos requisitos para a resolução do problema da edição *Kubata*, na fase 1B, na questão 10 (OBL, 2020):

Não esperávamos que o participante apenas notasse as transformações regulares, mas soubesse avaliar o que é razoável de se deduzir dos dados, em termos de línguas que não existem mais. 1. O alongamento da vogal no japonês é resultado de pelo menos dois processos diferentes: do apagamento da consoante final -ng (em ‘professor’, sheng/sǐng/sē; em ‘masculino’, xing/sǒng/sē) quanto da desditongação de algumas sílabas (em ‘quinto’, hao/ho/gō; em ‘onda cerebral’, nao/no/nō). Outros exemplos além do corpus são ren.kou/in.ku/jin.kō (população) e yin.hang/eun.hǐng/gin.kō (banco). 2. Há dois padrões de correspondência para o **x** do mandarim: **x-s-s** (em ‘professor’, xien/sǒn/sen; em ‘notícia’, xin/sin/sin) e **x-h-k** (em ‘perigo’, xien/hǒm/ken). O **x** do mandarim, assim como outras consoantes como o **j** (tx) e o **q** (txh), deriva de processos de palatalização de consoantes, por isso só aparece antes de vogais frontais, **i** e **ü**. 3. Há também dois padrões de correspondência para o **w** do mandarim: **w-m-b** (em ‘cultura’ e em ‘notícia’, wun/mun/bun) e **w-vogal-k/g** (em ‘perigo’, wei/ui/ki; em ‘quinto’, wu/o/go). O entendimento acadêmico é que os dois padrões derivam respectivamente das iniciais **mj-** e **ng-do** CM. Em ambos os casos, no japonês as iniciais nasais se tornaram iniciais plosivas sonoras, **b-** e **g-**. 4. Ao analisar as

correspondências com o h no japonês, podemos encontrar p-p-h (em ‘oito anos’, pa/pal/hati; em ‘onda cerebral’, po/po/ha) e a versão ligeiramente diferente f-p-h em ‘invenção’: fa/pal/hatsu. Mas esta última não deveria ser considerada uma origem separada, já que temos o mesmo p em coreano, nos três exemplos; além disso, o som /f/ é bastante próximo a /p/: ambas articuladas nos lábios, mas uma fricativa e outra oclusiva. De fato, o f do mandarim é resultado de uma inicial pj- no CM.

Basicamente, todos os problemas desse tipo têm a estrutura de comparação e preenchimento de lacunas, mas em vez de comparar formas morfológicas dentro de uma língua, compara palavras em línguas genéticas ou então as formas faladas das palavras e suas ortografias. Esse tipo de problema, frequentemente, traz fenômenos fonéticos e fonológicos interessantes no paralelo entre línguas, então, o estudante deve ao menos possuir uma certa noção desses fenômenos que ocorrem nas línguas. Com base na coleta e comparação de classificados para a segunda fase da competição, os alunos que se destacam são discentes provenientes de escolas de grande prestígio social uma vez que essas instituições difundem as culturas consideradas dominantes e de ampla influência. Ao mesmo tempo visam o desenvolvimento cognitivo e social de seus alunos com o objetivo de que estes participem de notórios eventos e que alcancem lugares de sucesso dentro da sociedade. Com base nesse levantamento, inferimos que o ensino que esses discentes medalhistas recebem é diferenciado; também deduz-se que a localidade geográfica influencia bastante no desempenho desses estudantes, visto que a região onde atuam são espaços considerados nobres; ademais, o perfil das escolas classificadas na OBL atende a uma classe social distinta do ensino público. Certamente, a constante classificação dessa parcela da população na OBL é espelhada através dos requisitos de resolução do problema de linguística, os quais, conforme os desafios ilustrados, exigem que o competidor entenda estruturas aritméticas que demandam a adoção de estratégias metacognitivas e de regulação, além de terem conhecimentos de fonética e fonologia em nível quase que, implicitamente, superior. Por meio disso, entende-se que as referências de mundo que participantes classificados recebem e a metacognição que possuem influenciam socialmente e culturalmente no pensar e no agir bem como nos resultados da classificação da Olimpíada de Linguística, demonstrando que o princípio da autossuficiência fica em parte prejudicado por outros critérios sociais.

7. Considerações finais

A Olimpíada Brasileira de Linguística é sem dúvida impressionante, pois trata-se de uma pedagogia olímpica que não visa formar linguistas, mas traz diversão, mudanças internas e possibilita o aprendizado sobre si e sobre o outro, ou seja, um passeio pela diversidade linguística, cultural, cognitiva e, em resumo, pela diversidade humana. Nesta pesquisa, verificamos que o conceito de Capital Cultural trata da bagagem cultural, das

relações e conexões que temos com certos indivíduos que de alguma maneira trazem benefícios sociais (Bourdieu, 1979). Estes vínculos muitas vezes são familiares e, por consequência disso, facilitam a transmissão de conhecimentos e culturas. Dessa forma, acabam reproduzindo uma teia de conexões que trazem alternativas e possibilidades de influência e triunfo na vida social.

Com base nos estudos de Forquin (1993) e nos desdobramentos da teoria do Capital Cultural de Bourdieu (1979), constatamos que o princípio da autossuficiência se manifesta de maneira distinta em determinados indivíduos, lugares e espaços, ocorrendo de modo seletivo. A adoção da perspectiva qualitativa (descritiva e interpretativa) nos possibilitou a identificação das causas sociais que favorecem o funcionamento desse princípio reveladas no número de classificados e medalhistas da Olimpíada de Linguística, cujo perfil é específico de competidor que possui uma cultura olímpica. Ao analisarmos e interpretarmos as provas, assuntos e gabaritos da OBL, percebemos as especificidades demandadas, implicitamente, para a resolução dos problemas, as quais inclinam-se, indiretamente, para indivíduos que estão inseridos em espaços de grande influência e notoriedade como em escolas de alto padrão, por exemplo. Com base na coleta e comparação de classificados para a segunda fase da competição, os alunos que se destacam são discentes provenientes de escolas de grande prestígio social. Ao nos debruçarmos sobre os critérios de resolução e os resultados obtidos na Olimpíada Linguística, concluímos que nem todos os participantes da OBL são capazes de serem classificados ou receber medalhas contando apenas com conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e raciocínio lógico previstos pelo princípio da autossuficiência, visto que não há a tradição de incluir ou pensar na língua de maneira mais dinâmica em certas escolas, pois quase não se propõe problemas linguísticos para responder desafios, como, por exemplo, de natureza morfossintática de outros idiomas. Além disso, nem todos os estudantes possuem acesso à cultura dominante de adentrarem em certos lugares físicos e simbólicos e de se apropriarem de determinadas informações ou objetos que a classe dominante alcança. Em consequência disso, alguns discentes não conseguem trabalhar com os mesmos códigos culturais que são hiper valorizados pela escola, e o aprendizado desses alunos torna-se deficiente, dado que as evidências comparativas apresentadas aqui apontam o triunfo e o prestígio acadêmico e social para grupos divergentes e seletos que compõem a parte mais abastada da sociedade, reproduzindo assim, grupos de perfil homogêneo na classificação e premiação de participantes da região Norte na OBL. Logo, entende-se que é necessária a existência de algo a mais para obter sucesso nesta Olimpíada de Linguística. Caso contrário, é pouco provável que estudantes de escolas públicas periféricas tenham a possibilidade de se classificarem, pois se a autossuficiência fica em parte prejudicada por outros critérios sociais, isto é, se os caminhos para as respostas estivessem apenas no problema, todos receberiam medalhas, uma vez que, em teoria, o

problema linguístico aborda sobre uma língua ou código comunicativo desconhecido para todos os estudantes.

As cinco dimensões que estruturam este trabalho demonstram que o conceito da autossuficiência não tangencia outros fundamentos sociais importantes que são fundamentais para a resolução dos desafios intelectuais, além dos critérios pré-estabelecidos. Mas ainda nos resta saber, em estudos futuros, se a autossuficiência, em nível mundial: a) atende tanto os participantes que possuem cultura olímpica ou não; b) se onde estes estudantes vivem o ensino de linguística é relevante para a grade escolar; e c) se entre homens e mulheres, quais se classificam com mais recorrência nestas Olimpíadas de Linguística. Por isso, convidamos outros pesquisadores para se debruçarem sobre estas lacunas, a fim de ampliar o campo de pesquisa científica a respeito dos problemas da Olimpíada Brasileira de Linguística.

Referências

- ANTUNES FILHO, Ivan Tadeu Ferreira. *Olimpíadas de Linguística e técnicas de resolução de problemas*. São Paulo: Olimpíadas Científicas, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n. 30, p. 3-6, nov., 1979. Disponível em: [Les trois états du capital culturel - Persée \(persee.fr\)](https://www.persee.fr/doc/asc_0035-0316_1979_030_03_00_0). Acesso em: 20 ago. 2022.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BUZATO, Dalmo; VICTOR, Elias. Os problemas autossuficientes e a experiência dos alunos de ensino básico. In: SILVA, Suélen Érica Costa da; COSTA, Priscila Tulipa da (org.). *Linguística por problemas*. Belo Horizonte: Led/CEFET (MG), 2022. p. 11-28.
- DERZHANSKI, Ivan; PAYNE, Thomas. The Linguistics Olympiads: Academic Competitions in Linguistics for Secondary School Students. In: DENHAM, Kristin; LOBECK, Anne (ed.). *Linguistics at School: Language Awareness in Primary and Secondary Education*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 213–226. Disponível em: [The Linguistics Olympiads—Academic competitions in linguistics for secondary school students | Ivan Derzhanski and Thomas Payne - Academia.edu](https://www.academia.edu/11111111/The_Linguistics_Olympiads_Academic_competitions_in_linguistics_for_secondary_school_students). Acesso em: 23 ago. 2022.
- FORQUIN, Jean Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, maio, 2006. Disponível em: [SciELO - Brasil - Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?](https://doi.org/10.1590/S0140-90522006000200007). Acesso em: 26 ago. 2022.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales; FRANCO, Francisco Manoel de Melo. *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2015.
- IOL. Fourteenth International Linguistics Olympiad, 2016. Disponível em: [iol-2016-indiv-prob.en.pdf \(ioling.org\)](https://iol-2016-indiv-prob.en.pdf). Acesso em: 23 ago. 2022.
- IOL. *Regulations of the International Linguistics Olympiad*. International Linguistics Olympiad, 2019. Disponível em: [Regulations of the International Linguistics Olympiad \(ioling.org\)](https://ioling.org/regulations). Acesso em: 26 ago. 2022.

L'ASTORINA, Bruno. *Problemas olímpicos*. Blog pessoal na Plataforma Medium. [s.l.], 04 mar. 2018. Disponível em: [Problemas Olímpicos. As olimpíadas de conhecimento são um... | by Bruno L'Astorina | Medium](#). Acesso em: 20 jul. 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.

MARTINS, Eduardo Cardoso. *Olimpíadas de Linguística: mosaico de uma prática social baseada em problemas*. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/44028>. Acesso em: 17 jul. 2022.

MARTINS, Eduardo Cardoso. A Olimpíada de Linguística como ferramenta didática para o curso de Letras: uma descoberta fascinante. *In*: OLIVEIRA, Ellen dos Santos. *Compêndio de letras: teorias, métodos, pesquisas, análises e ensino*. Curitiba: Editora Bagai, 2021. Disponível em: [\(PDF\) A Olimpíada de Linguística como ferramenta didática - uma descoberta fascinante | Eduardo C Martins - Academia.edu](#). Acesso em: 19 jul. 2022.

OLIMPÍADA BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA. *Como são os problemas de linguística?*. Olimpíada Brasileira de Linguística. Disponível em: [Olimpíada Brasileira de Linguística \(obling.org\)](#). Acesso em: 17 jul. 2022.

OLIMPÍADA BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA. *Mini-guia de treinamento para a 2ª fase*. OBL – Paraplü, 2013.

OLIMPÍADA BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA. Prova 1B Kubata. 2020. Disponível em: [Prova_1B_Kubata.pdf - Google Drive](#). Acesso em: 23 jul. 2022.

OLIMPÍADA BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA. *Quem somos?* Olimpíada Brasileira de Linguística. [s.d.] Disponível em: [Olimpíada Brasileira de Linguística \(obling.org\)](#). Acesso em: 20 jul. 2022.

PORTO EDITORA. *Capital Cultural*. Infopédia. Disponível em: [capital cultural - Infopédia \(infopedia.pt\)](#). Acesso em: 15 jul. 2022.

Recebido em 15 de abril de 2023
Aceito em 20 de novembro de 2023